

## JOÃO XXIII

Almir de Oliveira

A 25 de novembro do ano passado, transcorreu o centenário do nascimento do Papa João XXIII, o bom, o sorridente, o corajoso renovador Angelo José Roncalli.

Recordemos: nasceu em Sotto il Monte, próximo a Bergamo, na Itália, no dia 25 de novembro de 1881. Procedia de família modesta. Ao empossar-se como cardeal de Veneza em sua diocese, apresentou-se aos seus diocesanos, dizendo: “Venho da humildade; fui educado numa pobreza estrita e abençoada, pouco exigente, mas que garante o desabrochar das mais nobres e altas virtudes e prepara as grandes ascensões da vida”.

Nascido e criado em ambiente religioso, aspirou desde cedo a ser padre. No mesmo discurso, dizia: “Desde o meu nascimento, jamais pensei senão em ser padre. Assim, o humilde filho do povo foi dotado de uma admirável missão que reverte em benefício do povo, *In his quae sunt ad Deum*: como representante do povo numa oferenda cotidiana de dons e de sacrifícios ao Senhor, num ministério de propiciação pelos pecados e pelos pecadores, num ato constante de oferenda de si mesmo.”

Aspirou à missão modesta de padre de aldeia: “Quando jovem padre, não aspirava senão tornar-me pároco de aldeia em minha diocese”. Mas, seus dotes pessoais levaram-no a uma ascensão que não previra: “A Providência quis conduzir-me por outro caminho antes que chegasse aqui”. Caminhou pelo mundo: “A Providência tirou-me de minha terra natal e fez-me percorrer os caminhos do mundo no Oriente e no Ocidente, levando-me a conviver com homens diferentes pela religião e pelas ideologias, colocando-me em face de problemas sociais agudos e ameaçadores”.

Preparava-se, assim, o futuro Pontífice, que haveria de dar início, em início vigoroso, ao **aggiornamento**, isto é, à atualização da Igreja diante de um mundo carregado de problemas sociais, compreendendo os materiais e os espirituais, marcado por controvérsias profundas, por perplexidades imensas e por angústias pesadas. Ascendeu firmemente na hierarquia eclesiástica. Foi delegado apostólico e núncio, cargos através dos quais viu o mundo e os homens humildes e poderosos de vários países. E era o Patriarca de Veneza, quando foi eleito Papa em 1958, para suceder à excelsa figura de Pio XII, o “Papa da Paz”.

A preocupação de Angelo Roncalli para com a condição dos pobres estampou-se naquele momento, de modo claro: “desejamos com coração paterno que a virtude cristã da justiça tenha a devida aplicação na questão social, e dirija e informe as relações mútuas das classes”, ain-

da porque a Igreja “prega e inculca no campo social tal doutrina e tais normas que, se forem inteiramente postas em prática, farão desaparecer todo o gênero de injustiça e levarão a distribuição melhor e mais justa dos bens”. Tinha presentes as lições de Leão XIII e Pio XI, seus predecessores, assim como de Pio XII, a quem vinha suceder.

Cinco anos depois dessas palavras, ascendia à Cátedra de Pedro. Em 1961, para comemorar o 70º aniversário da *Rerum Novarum*, expediu sua *Mater et Magistra*. Usa, então, a palavra “socialização” e define-lhe o conceito numa das páginas mais lúcidas que lhe saíram das mãos, o que não impediu certa exploração tendenciosa, que procurava confundir o Papa com um líder socialista dos arraiais marxistas. E pouca gente teve coragem de usar a expressão, arreando-se de ser confundida... A encíclica agitou os espíritos pela clareza e pela franqueza das posições. “Aggiornava” o pensamento da Igreja.

No ano seguinte, instala o Concílio Vaticano II, cujos resultados não pôde colher pessoalmente. Queria rever, também, no terreno doutrinal, as posições da Igreja. Não para mudar-lhe a substância, para alterar-lhe o *depositum fidei*, mas para reconsiderar e atualizar as “formas e proporções do magistério prevalentemente pastoral”, e, de preferência, “mostrando a validade de sua doutrina que condenando erros”. Partia decididamente para o ecumenismo, para a revogação das rigidezas incompatíveis com os novos tempos e com o próprio espírito do cristianismo, que é essencialmente fraterno, paciente, benigno e misericordioso, como asseverava ele mesmo no discurso de abertura do Concílio. Seu sucessor, Paulo VI, soube chegar ao final do Concílio, assistindo ao triunfo renovador de João XXIII. E o processo de renovação da Igreja continua sem que se perca a fidelidade aos seus fundamentos, à sua substância, ao *depositum fidei*.

A encíclica *Pacem in Terris* foi sua derradeira grande mensagem ao mundo que aprendera a admirá-lo, a respeitá-lo, a amá-lo como um dos maiores pontífices que já governaram a Igreja. Louvou o progresso científico, pondo fim à discussão sobre um falso conflito entre a religião e a ciência. A ciência revela, cada dia, as maravilhas que Deus criou e permitiu ao homem descobrir pela aplicação da inteligência de que o dotou. Disse ele, logo de início: “o progresso científico e os avanços técnicos demonstram, antes de tudo, a grandeza infinita de Deus”.

Em abril de 1963, deixou essa mensagem. Em junho seguinte, cerrou os olhos que viram o mundo e os homens com tanta bondade. Para sempre. Devíamos ter comemorado mais entusiasticamente seu centenário.

( De *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 29-11-1981. )